

ALGUNS MODELOS PARA ARQUEOLOGIA EM MISSÕES COLONIAIS

*Robert L. Hoover**

RESUMO: Nomothetica – a busca científica de leis gerais e padrões de conduta – é a meta final da arqueologia indutiva. Dados específicos de inúmeras regiões arqueológicas podem agora ser usados para confirmar ou negar hipóteses como leis gerais sobre processos culturais. Vários modelos interessantes foram gerados por arqueólogos e acadêmicos de disciplinas relacionadas que podem ajudar a explicar o fenômeno colonial. Alguns desses modelos serão brevemente resumidos e aplicados à situação da Califórnia espanhola.

Arqueólogos norte-americanos dedicados ao estudo do período histórico, têm tradicionalmente voltado suas atenções para as áreas de colonização inglesa na costa leste do País. Esta tendência foi ampliada em decorrência dos preparativos para a celebração do bicentenário dos Estados Unidos. Recentemente, no entanto, equipes interdisciplinares têm, gradualmente, começado a identificar as várias estratégias econômicas, políticas e sociais, dos poderes colonizadores, que se seguiram à época da conquista (Deagan 1983; Chauduri 1985; Hoover 1985, 1989; South 1977; Thomas 1989), onde se incluem os poderes relacionados às culturas espanhola, francesa, holandesa e portuguesa. Recentemente, muita atenção tem sido voltada para a colonização espanhola das Américas.

Um período de 277 anos decorreu desde a instalação inicial dos espanhóis nas Américas, até 1769, quando a Espanha finalmente estabeleceu controle sobre a costa da Califórnia, ao sul do paralelo de 39 graus de latitude norte. O governo espanhol, durante um período de 52 anos, implantou uma cadeia de missões franciscanas, quatro fortes militares, três cidades ou vilarejos, e algumas fazendas de gado, de particulares. Os fortes estavam localizados nos principais portos e se destinavam a proteger a província contra ameaças externas, vindas da Europa.

* California Polytechnic State University.

Vinte e uma missões foram estabelecidas entre 1769 e 1823; todas elas, a exceção de três, foram fundadas antes de 1800. Estas missões, como instrumentos principais da colonização espanhola, tinham o objetivo de cristianizar e “espanizar” a população nativa. De início, as autoridades governamentais acreditavam que, no prazo de uma década, poderiam transformar os grupos indígenas caçadores-coletores, em aldeões católicos, voltados para a atividade agrícola. Esperavam ainda que esses grupos também dominassem a língua espanhola. A partir de então, os terrenos das missões seriam divididos entre os índios e, nesta oportunidade, os monges franciscanos, substituídos por outro clero secular, poderiam se deslocar para outras fronteiras. Esta concepção era baseada em uma idéia completamente falsa sobre o grau e a velocidade de assimilação de uma cultura por outra. No entanto, as missões foram úteis em outros sentidos, já que serviram de amortecedor contra os interesses russos e ingleses na costa noroeste da América do Norte.

As missões da Califórnia eram lugares onde a população nativa convertida se concentrava, enquanto recebia instruções religiosas e treinamento ocupacional. Este fator removeu quase todos os índios das terras ao redor, tornando-as livre para as doações a particulares durante o período mexicano. Em 1821, o México se tornou independente da Espanha e governou a Califórnia até a invasão americana de 1846.

Modelos explanatórios

Recentemente, cientistas sociais criaram vários modelos que podem ajudar a explicar o fenômeno colonial da Califórnia espanhola. Modelos ecológicos, modelos de fronteira, modelos econômicos, bem como a assimilação cultural serão discutidas a seguir.

Modelos ecológicos

Vários princípios ecológicos têm sido aplicados por Denneth Lewis (1984: 12-14) em seu detalhado estudo arqueológico sobre a fronteira colonial da Carolina do Sul. Os conceitos utilizados estão de acordo com o que ocorria na Califórnia, tanto durante o período co-

lonial, quando estava sob o domínio espanhol, quanto posteriormente na condição de província mexicana. Lewis discute os processos de simplificação, exclusão competitiva, diversidade de meio ambiente, segregação progressiva e sistematização.

Tratando-se de uma fronteira, os sistemas sociais, políticos, e econômicos do poder colonizador, tornam-se simplificados já que as formas especializadas se perdem. O grau do empobrecimento cultural varia com a distância entre a fronteira e o ponto de atividade política e econômica mais próximo. Enquanto que muitas das práticas da corte real da Espanha eram mantidas no palácio vice-real da Cidade do México, nas fronteiras tornavam-se impraticáveis. A Califórnia era um dos mais remotos postos da Nova Espanha. A sua posição era favorável, se comparada com o Novo México e Texas, devido aos seus contatos marítimos com o México central. Como era de se esperar, na Califórnia espanhola se encontra uma cultura materialmente muito mais simples do que aquela da Espanha ou do México central, no mesmo período.

De acordo com o conceito de exclusividade competitiva, as culturas que usam os mesmos recursos e ocupam a mesma área, não podem coexistir permanentemente sem que haja uma alteração dos hábitos e estilos de vida de uma ou de ambas as sociedades em questão. Vários estudos sobre a assimilação cultural dos índios californianos “missionados” confirmam a validade deste conceito. Os neófitos se agregavam às missões, a agricultura substituiu a caça e a coleta como meio de subsistência predominante, e o “hábitat” nativo foi destruído pela introdução de animais ruminantes domesticados (Archibald 1978: 159-186).

Na comunidade de fronteira, a estabilidade do meio ambiente pode estar relacionada à amplitude de sua diversidade. Uma grande diversidade de meio ambiente, fez com que o sucesso das tentativas de colonização fosse menos previsível. No sentido de superar esta imprevisibilidade, os colonizadores tinham condições de aumentar a escala e a complexidade das suas cadeias econômicas, ampliando assim suas opções. Podiam também modificar o “hábitat” da fronteira por meios tecnológicos. Estas modificações, entretanto, requerem um ajustamento na vida social e econômica. Na Califórnia, estado famoso por sua diversidade (Hoover 1974: 507), os espanhóis, desde o início,

modificaram o “hábitat” natural, com a introdução das atividades agrícolas e pastoris. Aumentaram também gradualmente, após 1800, a cadeia de comércio internacional através da comercialização de peles e gordura de animais (Archibald 1978: 180-182).

Os processos de segregação e de sistematização progressiva, são tendências opostas que ocorreram simultaneamente na Califórnia espanhola, enquanto esta se desenvolvia em direção a uma maior integração com a economia mundial. A diferenciação funcional entre as partes da sociedade se ampliava gradualmente na Califórnia espanhola. Ao mesmo tempo, cada uma dessas partes se tornava mais independente, à medida que, no começo do século XIX, entravam no mercado internacional. Durante o período mexicano (1821-1846), as missões eram as principais fontes abastecedoras de mão-de-obra para os “pueblos” e de mercadorias para os fortes, enquanto que estes eram mais ativos em capturar os neófitos fugitivos em nome das missões.

Modelos de fronteiras

Jerome Steffen (1980: xii, xvii-xviii) propôs dois tipos distintos de fronteiras – insular e cosmopolita – dependendo da natureza e da extensão das suas conexões com a metrópole. Cada uma delas se distingue por diferentes padrões de ocupação e por funções econômicas características. Estas diferenças estão resumidas na figura 1.

Archibald (1978) documentou claramente a mudança da condição insular para a cosmopolita, na Califórnia, durante as duas primeiras décadas do século XIX. Em período mais recente, a Califórnia espanhola corresponde melhor à idéia de fronteira cosmopolita, proposta por Steffen. Inicialmente as ligações econômicas com a metrópole eram fracas e as missões procuravam uma economia diversificada. Esta natureza provinciana mudou gradativamente após 1800. A Califórnia foi finalmente reconhecida como uma fronteira cosmopolita que estava totalmente integrada na economia mundial, através do mercado de peles e de gordura animal, após 1821. Mais especificamente, a Califórnia espanhola se tornou uma fronteira cosmopolitana rancheira. Uma fronteira rancheira era uma forma de agricultura industrial, embora requeresse um “hábitat” diferente, e exibisse aspectos distintos

da plantação de exploração. A criação de animais domésticos é uma atividade que requer a utilização de uma vasta área, uma vez que uma maior extensão de terra é destinada à produção de forragem para animais, do que aquela usada para a produção agrícola de alimentos para a obtenção do mesmo número de calorias. As fronteiras rancheiras se encontram fora, ou nas margens de áreas de desenvolvimento agrícola. Trata-se de uma atividade voltada para o mercado de exportação mundial e, portanto, está intimamente ligada à economia da metrópole ou do mercado internacional (Lewis 1984: 279-281).

No final do período espanhol e principalmente durante o período mexicano, a Califórnia era um excelente exemplo de uma fronteira cosmopolita rancheira. Depois dos primeiros anos da ocupação espanhola, 1769 – 1800, quando as missões lutavam por uma autonomia agrícola e pelo estabelecimento de algumas indústrias básicas; em 1810, a província desenvolveu todas as características de uma fronteira rancheira. Um número relativamente pequeno de colonos se empenhou na atividade de criação extensiva de gado, o que requer uma grande extensão de terra para pasto. A eficiência produtiva favorecia os grandes fazendeiros. Os ranchos das missões, e mais tarde os ranchos particulares, eram dispersos, mas ligados a várias cidades portuárias que serviam como pontos de convergência para as peles e gordura animal. Estes portos eram os terminais de transporte marítimo nacional e internacional (figura 1). A ocupação espanhola estava confinada quase que inteiramente à costa da Califórnia, já que existia um limite para a distância no qual peles de animais e outros produtos poderiam ser transportados em carros de boi. As rotas de transporte eram permanentes mas não *conservadas*. O comércio de pele e de gordura animal, ligava a Califórnia diretamente com os países industrializados e era um investimento lucrativo de curto prazo e que requeria pouco investimento de capital.

Além de uma fronteira rancheira, a Califórnia também possuía outros tipos de fronteiras cosmopolitas durante o período espanhol. A fronteira militar era representada pelos quatro fortes que eram destinados a proteger e regulamentar as condições na província. Estas instituições ajudavam a província, mas não se constituíam em unidades produtoras. Estavam localizadas em pontos estratégicos para controlar

FRONTEIRAS INSULARES	FRONTEIRAS COSMOPOLITAS
poucas ligações econômicas com a metrópole	economia intimamente ligada à metrópole
adaptação extensiva às condições locais	grande expansão para reproduzir a vida da metrópole .
economia diversificada para lucro a longo prazo	economia especializada para lucro de curto prazo
mudança institucional completa	nenhuma mudança fundamental nas instituições ou no comportamento
pequenas fazendas ou plantações	comércio de peles, ranchos, mineração, transportes, milícia , plantações explorativas
produtos competitivos com a metrópole (regulamentados)	produtos não competitivos com a metrópole
mão-de-obra gratuita transplantada pela metrópole	importação de escravos ou nativos forçados a trabalhar

Figura 1 — Comparação entre fronteiras insulares e cosmopolitas, de acordo com Steffen (1980).

as rotas de acesso e de transporte. As fronteiras militares, geralmente não eram estabelecidas em função da expectativa de exploração de recursos econômicos, mas sim, para proteger os bens já existentes — neste caso os bens da Nova Espanha.

Os modelos de fronteira de colonização, podem ser muito ampliados através do uso independente de evidências arqueológicas e de documentação textual e iconográfica.

As fronteiras eram zonas de extração que faziam parte da periferia do sistema econômico mundial, mas nem todas as periferias permaneceram como fronteiras (Lewis 1984: 297). A Califórnia desenvolveu-se rapidamente, deixando de ser uma fronteira durante o início do período anglicano; e certamente não podia mais ser considerada como uma periferia.

Modelos econômicos

Immanuel Wallerstein (1974, 1980) apresentou, aos cientistas sociais, um esquema explicando relações passadas e presentes entre nações e classes sociais. Da mesma maneira que os sistemas econômicos de simples horticultura e caça-coleta foram desaparecendo gradualmente, a complexa divisão de trabalho em uma única estrutura também desapareceu. Em seu lugar veio um sistema de economia mundial que tinha uma única divisão de trabalho em um contexto de inúmeras e diversas estruturas culturais. Este fenômeno começou no século XVI como o resultado de uma expansão geográfica da Europa, do desenvolvimento de vários meios de controle de mão-de-obra para diferentes zonas da economia mundial, e o aparecimento de Estados fortes como líderes desta economia.

Esta divisão independente de trabalho, era baseada na geografia. O estado-núcleo dominava regiões periféricas e semi-periféricas, explorando a mão-de-obra dos últimos grupos e recebendo uma parte do lucro relativamente maior. Os estados-núcleo eram caracterizados por dispor de mão-de-obra livre e capacitada, enquanto que a mão-de-obra disponível nas regiões periféricas, era fundamentalmente não especializada, e muitas vezes forçada. Os estados semi-periféricos tinham uma posição intermediária importante entre o núcleo e a periferia e continham traços característicos de ambos. As semi-periferias eram ao mesmo tempo exploradas e exploradoras, o que prevenia contra a polarização do sistema. Alguns estados semi-periféricos, como Portugal e Espanha por exemplo, tinham sido núcleos no passado. Outros tinham se desenvolvido a partir de uma situação de periferia. O sistema inteiro era mantido pela força militar superior do núcleo, por um sentimento nacionalista, pelo compromisso religioso dos participantes, e pela idéia de que o bem estar de todos dependia da continuidade do sistema.

Em termos tradicionais, o sistema econômico mundial se parece notavelmente com o mercantilismo clássico. As áreas periféricas exportavam matéria-prima para os núcleos em troca de bens manufaturados. A troca econômica ocorria principalmente entre núcleos ou entre núcleos e periferia. O comércio entre áreas periféricas era menos provável; cada uma comercializava principalmente com um núcleo, fornecendo um ou mais tipos de mercadoria. Os padrões de comércio

constituíam um mecanismo através do qual os núcleos mantinham a sua posição de domínio e tiravam o maior proveito possível do sistema (Figura 2).

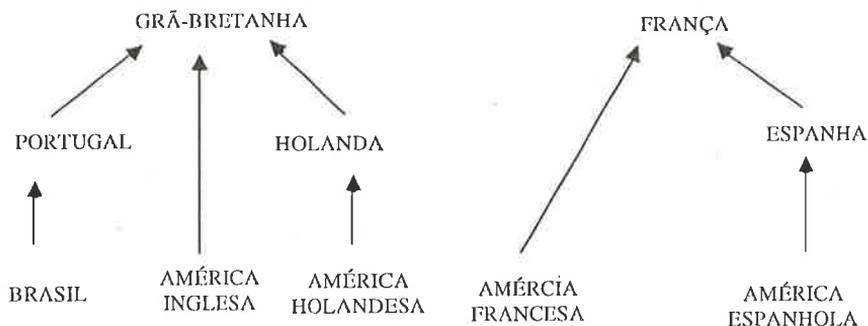


Figura 2. O sistema mundial do século XVIII.

A missão de Santo Antônio de Pádua, na Califórnia, representa uma região arqueológica do período de 1771-1834, onde a teoria de sistema mundial pôde ser testada apropriadamente (Hoover e Costelo 1985). As escavações nas casernas da missão durante um período de cinco anos, revelaram dois componentes sucessivos — uma estrutura ocupada entre 1776-1802 e outra caserna sobreposta do período entre 1802-1834. As mudanças nos padrões de comércio na Califórnia espanhola foram, sem dúvida, graduais. Pode-se constatar uma preponderância de cerâmica espanhola (feita no México) nas casernas mais velhas e uma porcentagem mais alta de cerâmica inglesa nas casernas mais recentes. Esta mudança representa uma substituição do comércio com o México pelo comércio com a Inglaterra durante as primeiras décadas do século XIX. Pôde-se também constatar um aumento da cerâmica que com o tempo passou a ser produzida no próprio local, já que no final do século XVIII, Santo Antônio havia se tornado um centro de manufatura e de distribuição de artigos da missão. Os índios locais, Salinan, não eram ceramistas durante o período pré-espanhol.

A teoria de sistema mundial deve ser aplicada em regiões da Califórnia espanhola com cuidado. Em primeiro lugar, é importante estar de acordo com alguns dos principais aspectos de um sistema mundial como é definido por Wallerstein. Antes do final do século XIX, o sistema mundial europeu *não* era verdadeiramente um fenômeno global. Wallerstein exclui especificamente as sociedades que não se constituíam em um estado do sistema. São exemplos o império francês de peles de animais na América do Norte e o império comercial português no Oceano Índico. Isto se baseia na divisão de mão-de-obra proposta, que considera somente o comércio de artigos básicos, negando que o comércio de preciosidades tenha tido um papel significativo na economia mundial emergente (Wallerstein 1974: 41-46). No entanto, alguns arqueólogos não concordam com esta interpretação tão restritiva. Eles acreditam que um sistema de economia mundial poderia ter sido produzido com a divisão da mão-de-obra baseada em bens de luxo, como as peles de animais da América do Norte (Schneider 1977; Blanton and Feinman 1984; Peregrine 1988). Peter Peregrine (1988), principalmente, menciona a possibilidade de sociedades nativas poderem ter sustentado os seus próprios sistemas econômicos ao mesmo tempo ou antes do desenvolvimento da economia mundial européia.

Hall (1986: 391-392) assinala que a contribuição da teoria de sistema mundial se baseia na falta de ênfase da nação-estado como uma unidade de análise para um modelo econômico mais apropriado para o período colonial. No entanto, o grau de incorporação dos não-estados pelos estados é obscurecido pelo agrupamento de todos os primeiros como periferias. Algumas áreas do mundo do século XVIII estavam excluídas da economia mundial. Outras eram periferias marginalizadas. Havia ainda aquelas que eram periferias completamente dependentes. A teoria de sistema mundial trata de eventos específicos de uma história recente e ignora economias pré-capitalistas, apesar de tornar possível que arqueólogos examinem as relações regionais que vão além das culturas isoladas (McGuire 1989: 40-66).

Estudos de aculturação

Diferentes abordagens de estudo da cultura material têm sido aplicadas às medidas de tipos e direções de aculturação que ocorreram nas missões da Califórnia. James Deetz (1963) introduziu uma nova abordagem durante as suas escavações na missão La Purísima em 1962 e 1963. Dividindo o conjunto de artefatos nas classes tradicionais, como pedra lascada, ferro e cobre, ele comparou diferenças quantitativas entre o dormitório neófito e o lixo de um vilarejo histórico nas vizinhanças. Os resultados sugeriram a ocorrência de uma maior acumulação entre os neófitos do sexo masculino do que os do sexo feminino.

No que se refere ao que foi exposto anteriormente, constata-se que existem vários problemas com esta comparação. Em primeiro lugar, duas categorias diferentes – um lixo pré-histórico e o chão de um dormitório histórico – estavam sendo comparados. Em segundo lugar, a extensão escavada para a obtenção de cada amostra era diferente. Assim, números absolutos de artefatos podem levar a uma conclusão errônea. Finalmente, os artefatos relacionados com as mesmas funções eram separados em grupos diferentes, obscurecendo assim a complexidade do processo de aculturação (Farnsworth 1986: 41).

Um segundo método, aplicado na missão de Santo Antônio (Hoover e Costelo 1985; Fig.3), utilizou um sistema de classificação desenvolvido por Quimby e Spoehr (1951) para a região dos Grandes Lagos. Este sistema foi recentemente ampliado para incluir 10 grupos de artefatos (Farnsworth 1986: 40, 1987: 479, 1989: 239): (1) objetos importados que representam novos elementos da cultura, por exemplo, garrafas de vinho; (2) objetos importados que substituem diretamente outras formas pré-históricas, por exemplo, pérolas de vidro substituindo as pérolas de conchas; (3) formas importadas feitas de materiais locais, como azulejos; (4) formas importadas, feitas localmente, usando materiais locais e importados, como vestimentas com botões de metal; (5) formas importadas feitas localmente, mas usando materiais e técnicas importadas, como ferramentas de ferro; (6) formas locais modificadas pela substituição de materiais importados, como pontas de projéteis de porcelana e de vidro; (7) formas locais modificadas pela substituição de materiais importados e envolvendo um princípio tecnológico diferente para alcançar o mesmo fim, como tigelas de

cerâmica por tigelas de pedra-sabão; (8) formas locais com novos elementos que mudam o significado do artefato, como cestas tecidas com o desenho do código de honra espanhol; (9) formas locais com a mesma aparência e significado, mas usando uma técnica importada, como as pérolas de conchas furadas com fio de ferro; (10) formas pré-históricas que continuam sem sofrer nenhuma alteração, como mós e pilões. Este sistema qualitativo pode ser facilmente quantificado, mas também não deixa de ter as suas desvantagens. Como se pode avaliar o peso de cada uma das categorias para medir-se o grau e a velocidade de aculturação? A presença de um artefato importado seria indício de uma maior aculturação, do que uma forma nativa modificada (Farnsworth 1986: 41)?

Paul Farnsworth (1986), enquanto trabalhava na missão vizinha de Soledade, desenvolveu um terceiro sistema de comparação baseado em uma versão modificada da análise dos padrões dos artefatos proposta por South (1977). Usado pela primeira vez nas regiões coloniais do sudeste, este sistema trabalha com grupos inteiros e com os grupos funcionais dentro deles. Uma categoria final para “outras atividades” faz com que o pesquisador possa adicionar artefatos pertencentes a atividades adicionais, cada um com uma classe separada.

As comparações que Farnsworth fez entre as missões de Santo Antonio, de Soledade, e de La Purísima revelam uma grande semelhança nos padrões dos artefatos; em contrapartida verifica-se uma enorme diferença quando comparados aos padrões de regiões coloniais inglesas e aos padrões *criollo/mestizo* na missão espanhola de Santo Agostinho. Os neófitos da missão de Santo Antonio parecem ter tido um maior acesso a, ou preferência por, cerâmica e garrafas de vidro importadas e feitas localmente, do que aqueles que ocupavam La Purísima, os quais usavam utensílios mais tradicionais da cozinha indígena. Uma maior porcentagem de contas de vidro européias era usada em Santo Antonio do que em La Purísima, onde as contas de conchas, mais tradicionais, eram usadas (Farnsworth 1992).

PRÉ-HISTÓRICO		MISSÃO	EUROPEU
Ocupações Hierárquica Dispersas		concentração introdução de tecnologia (simplificada) Padrões de ocupação	Urbanismo
Concha	Pedra Osso	substituição tecnologia parcial introduzida Tecnologia	Metal Vidro Cerâmica
Coleta	Caça Pesca	suplementar tecnologia introduzida Subsistência	
<i>Status</i> atribuído hereditariamente		alcaides, mayordomos, etc. Organização social	<i>Status</i> atribuídos não hereditariamente

Figura 3 — Modelo de aculturação das Missões da Califórnia.

Considerações finais

A discussão precedente mostrou como o uso de modelos diferentes fornece perspectivas distintas quanto a arqueologia da Califórnia espanhola. Modelos ecológicos como os de Lewis (1984) explicam fenômenos gerais como a simplificação da cultura material na província da Califórnia, a aculturação da população nativa, e a integração da Califórnia à economia mundial. Entretanto, o modelo de Lewis não é especialmente útil para estudos de comparação entre missões.

Os modelos fronteira criados por Steffen também tratam de generalidades. Eles são muito úteis para um entendimento geral dos processos de mudanças econômicas na Califórnia através do tempo. Eles definem o papel instável da província na economia mundial. Já que Steffen oferece uma variedade de modelos fronteira – ranchos, militar, transporte, etc. A sua estrutura é útil até para a comparação de ocupações de tipos diferentes. No entanto, as categorias de análises fazem com que uma comparação entre regiões do mesmo tipo torne-se difícil.

Modelos econômicos, como os criados por Wallerstein (1974, 1980), provam ser os mais controversos. Destinados a examinar a extensiva tendência mundial, a teoria de sistemas mundiais tem sido aclamada por alguns arqueólogos como um modelo final. No entanto, problemas definitivos são associados com a aplicação de um modelo baseado no crescimento do capitalismo europeu em áreas remotas do mundo. Existem discordâncias sobre algumas das definições básicas de um “sistema econômico mundial”. É também claro que nem todas as áreas do mundo – como a Ásia por exemplo – se integraram em uma única economia mundial antes do século XIX. Finalmente, muitas sociedades nativas sustentavam as suas próprias economias “mundiais” mais limitadas antes do surgimento das européias. No lado positivo, a perspectiva de sistema mundial deixa de enfatizar a nação individual como uma unidade de análise, provando que a economia da América espanhola era tão importante para os mercadores da Antuérpia ou de Londres quanto para os políticos de Madri.

Estudos de aculturação como os de Deetz (1963) foram os primeiros esforços para uma mensuração das mudanças culturais entre áreas na Califórnia espanhola, usando diferenças quantitativas nas classes tradicionais de artefatos. A utilidade desta técnica era limitada por amostras de tamanhos diferentes e por amostras de áreas de caracter distinto. Uma segunda perspectiva (Hoover e Costello 1985; Farnsworth 1986, 1987) usando classes de artefatos baseadas nos processos de aculturação, é mais favorável, mas o problema de como avaliar cada categoria para medir o grau e a velocidade de aculturação ainda permanece. Um terceiro sistema, desenvolvido por Farnsworth (op. cit), tem uma perspectiva mais flexível e sofisticada que permite uma comparação detalhada de áreas similares do mesmo período ou de períodos diferentes.

A aproximação do quinto centenário da chegada de Colombo à América, tem estimulado o interesse pela arqueologia espanhola, que já se encontrava bastante desenvolvida. As mudanças culturais e os processos de desenvolvimento econômico podem ser explicados através de diferentes modelos oriundos das diferentes áreas das Ciências Sociais. Com a utilização destes vários modelos pode-se reconhecer as limitações de cada um. Tratam-se de estruturas adequadas para determinadas análises, podendo ou não refletir a realidade histórica. No entanto, eles não devem ser ignorados. São ferramentas poderosas para o entendimento dos processos de colonialismo comparativo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar o meu agradecimento a várias pessoas que contribuíram com idéias e me encorajaram na apresentação desta pesquisa. Gostaria especialmente de agradecer ao Dr. Harold R. Kerbo, colega e residente, perito em teoria de sistemas mundiais, por novos recursos e idéias. Os colegas arqueólogos, Jack S. Williams, Anita G. Cohen e Paul Farnsworth que me encorajaram e me ajudaram com opiniões constantes para o término deste trabalho. Também gostaria de agradecer Christine L. Hoover, sem a ajuda da qual este trabalho não seria possível.

ABSTRACT: *Some models for colonial mission archaeology* — The Franciscans established 21 missions among the Indians of coastal Alta California between 1760 and 1833. A 17 year archaeological study at Mission San Antonio de Padua (1771-1834) has revealed a great deal of information about the social and economic life of the community. This research enables us to develop models of material culture that can be applied generally to mission communities in the Iberian World.